







# DAS PROMESSAS QUE A GENTE FEZ KIKÁ CARVALHO

TEXTO | TEXT **MARCELO CAMPOS**

ABERTURA | OPENING  
**10.09.2022 15H - 19H**

VISITAÇÃO | VISITS  
**10.09 — 22.10.2022**

TER-SEX | TUES - FRI **11-19H**  
SAB | SAT **11-17H**

RUA DONA MARIANA 137 CASA 2  
BOTAFOGO - RIO DE JANEIRO  
PORTASVILASECA.COM.BR  
+55 21 2274 5965



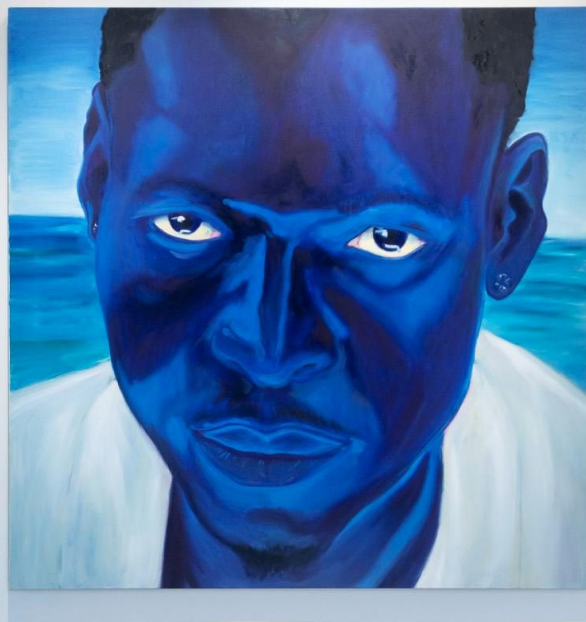




**PORTAS**  
VILASECA  
G A L E R I A

**DAS PROMESSAS  
QUE A GENTE FEZ**  
KIKA CARVALHO

TEXTO MARCELO CAMPOS  
10 SET — 22 OUT 2022



## Azularar

Tão preto que chega a ser azulado, comentário corriqueiro em terras onde as diferenças raciais são costuradas por um preconceito cotidiano negociado a quem pode ser dispensado da pretitude. Com isso, o colorismo, há muito tempo, é requintado em gradações e termos que vão do mais azul ao menos marrom para distinguir pretos e brancos. Tais distintivos confirmam ou negam nossa pertença à afrodescendência.

A cor azul ultramar, na exposição *"Das promessas que a gente fez"*, de Kika Carvalho, é protagonista e deflagradora da metáfora racial. Na maioria das pinturas, uma paisagem praieira predomina. A praia, lugar supostamente democrático que recebeu, durante quatro séculos, em países colonizados, hordas de pessoas advindas do continente africano em condições sub-humanas. E mesmo assim, ainda hoje, continua disputada por uma burguesia que se acha donatária. Nas pinturas da artista, um povo negro caminha a beira mar, trabalha na pesca, se diverte, mergulha. As cenas são comuns nos litorais brasileiros e africanos. A presença de ilhas nos faz questionar: Espírito Santo ou Luanda? Todos, ali, estão em contraluz, tão pretos que são azuis.









---

Nº1 (Série "Filhos d'água"), 2022

Óleo sobre tela

120 x 120 cm







MADE IN

SC-916

00 BRAZIL





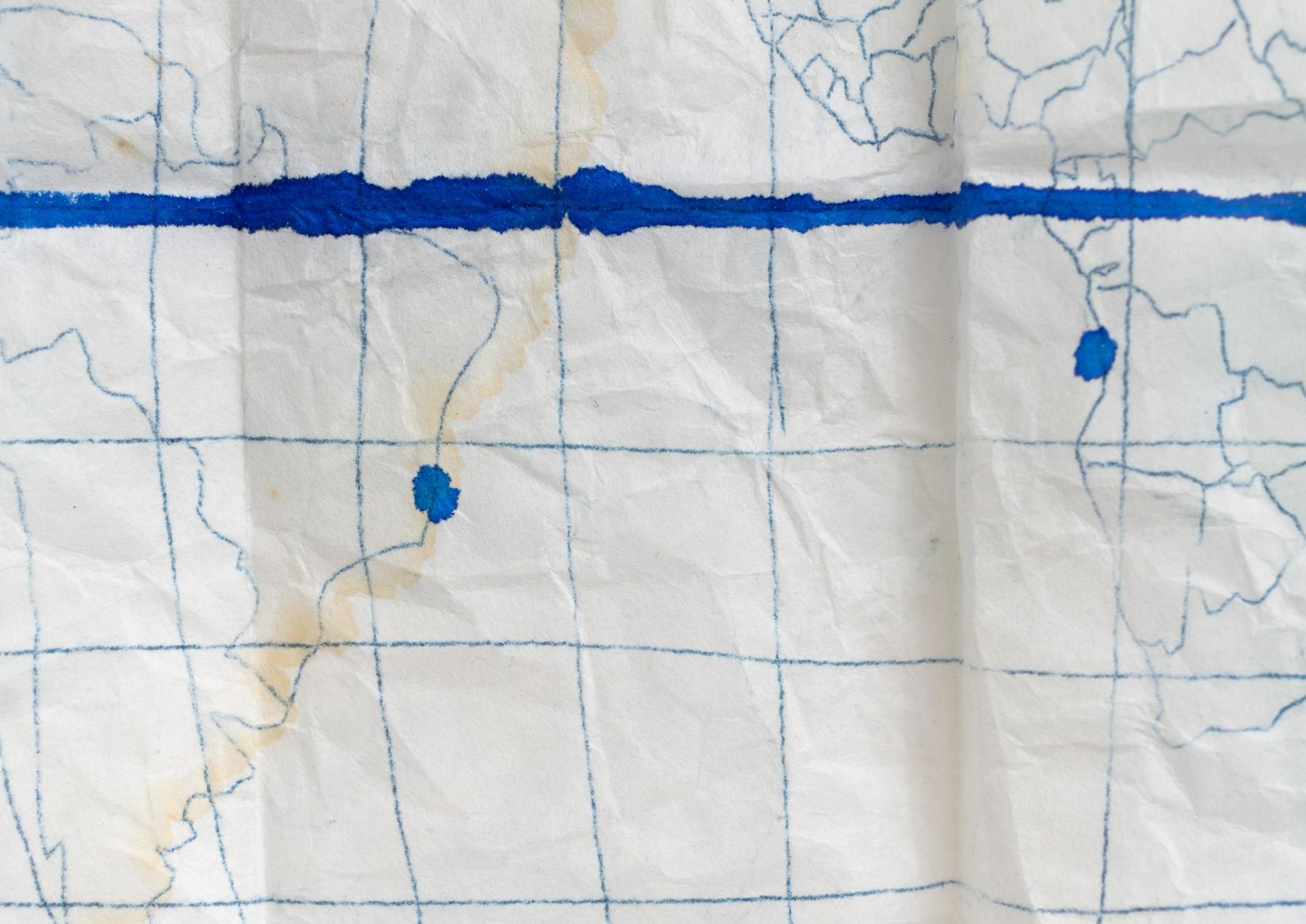
---

*Identidade (tríptico), 2022*  
Acrílica sobre azulejos  
15.4 x 46.2 cm

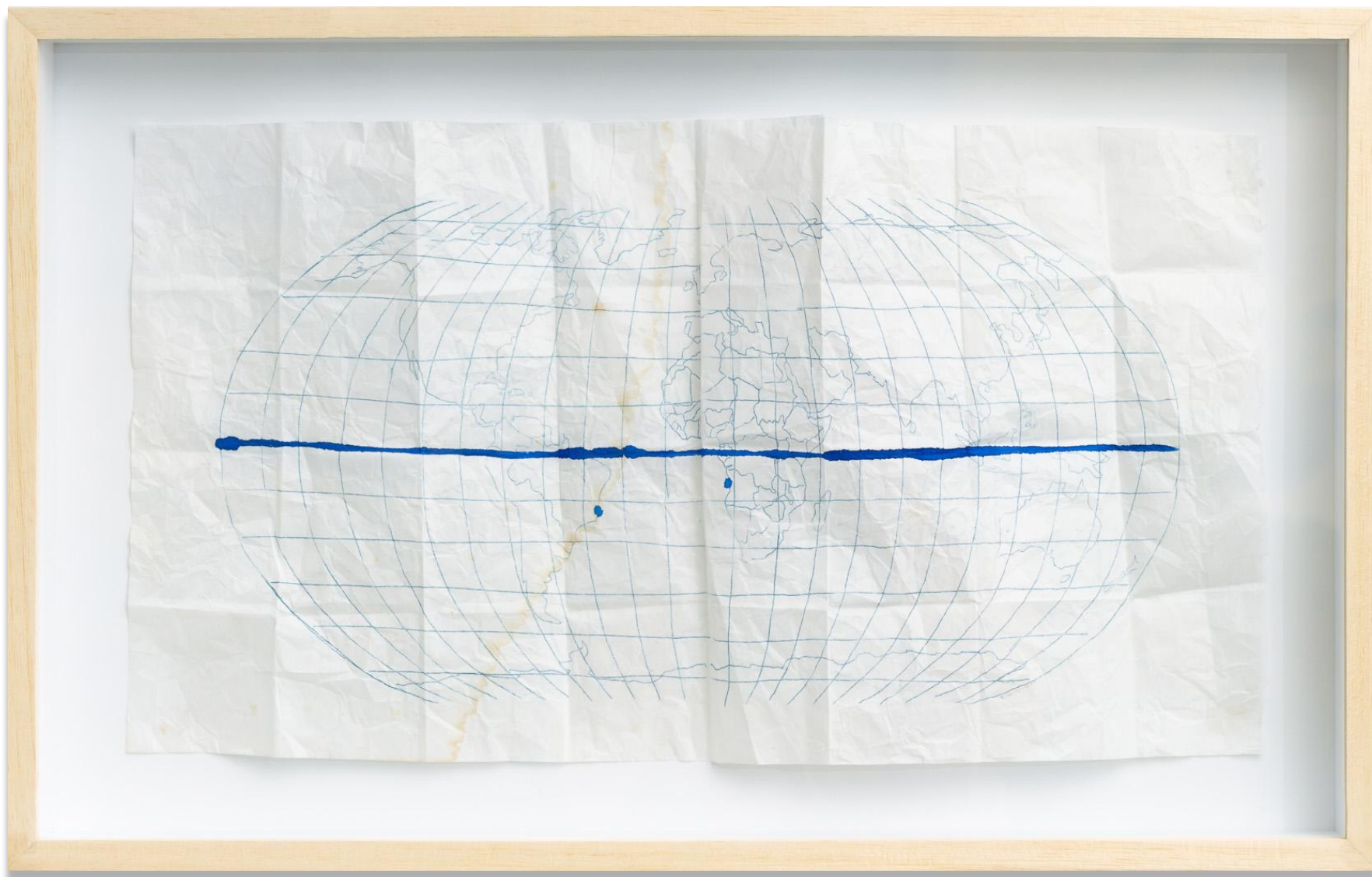












---

*Deriva continental, 2022*

Desenho em nanquim e carbono sobre papel japonês  
34 x 54 cm









---

*Volta pra casa, 2022*  
Óleo sobre tela  
150 x 200 cm





A artista, como muitos de sua geração, reconhece no movimento hip-hop a principal entrada nas questões da arte, da cultura e da racialidade. Kika, na verdade, é um *bomb*, símbolo identitário de assinatura de grafiteiras que percorrem o ambiente urbano deixando tal marca escrita nas portas de lojas, muros, trens, viadutos.

*“Das promessas que a gente fez”* reúne cerca de trinta trabalhos da artista, resultantes de uma residência em Luanda, África. Em Angola, país que viveu muitos anos como colônia, ainda explorada pelo extrativismo do petróleo e do diamante, Kika Carvalho se reconheceu, pois partilhava com as pessoas do lugar da experiência insular. Oriunda de Vitória, Espírito Santo, Kika conviveu em Luanda com sujeitos que, como ela, se habituaram a ter o mar nos olhos. Como será olhar o mar com tanta intensidade, nos perguntamos? Ter a linha do horizonte como bússola constante. Em contraposição, nos escritos, a artista afirma “eu não vim com destino”, consideração impossível se pensarmos na cosmogonia lorubana, na qual todos nascemos com um propósito. Luanda, nas imagens da artista, traz o azul da pele e do mar como cor predominante. A cor azul, então, permanece assumindo uma posição dual entre a metáfora da pele e do mar profundo. O azul-cor, assim, substitui o preto e o marrom, cores identificadas no castanho da tez afrodescendente.



---

*Ilhada I, 2021*

Lápis de cor sobre papel japonês

30 x 20 cm



---

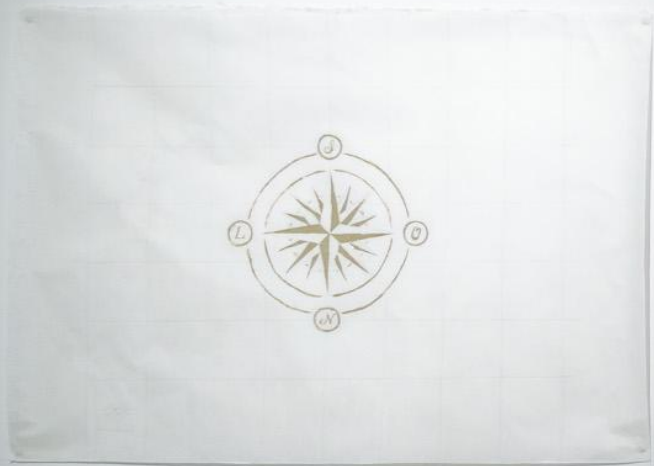
*Ilhada II, 2021*

Lápis de cor sobre papel japonês

30 x 20 cm











---

*Guia*, 2021  
Grafite e folha de ouro  
sobre papel japonês  
60 x 40 cm





A palavra “retinto”, aquilo pintado muitas vezes, camada por camada, até atingir o limite, até conter todas as cores, vem da pintura. Ao olharmos os trabalhos de Kika Carvalho, tal interesse se redobra, pois, como pintora, ela se acostuma a realizar tal gesto. De outro modo, ser mais ou menos retinto tornou-se motivo de disputas, infelizmente, dividindo o povo preto que, como nos ensina Sueli Carneiro, perde, assim, a possibilidade de vencer a branquitude, roubando-lhes cores que sempre foram nossas.

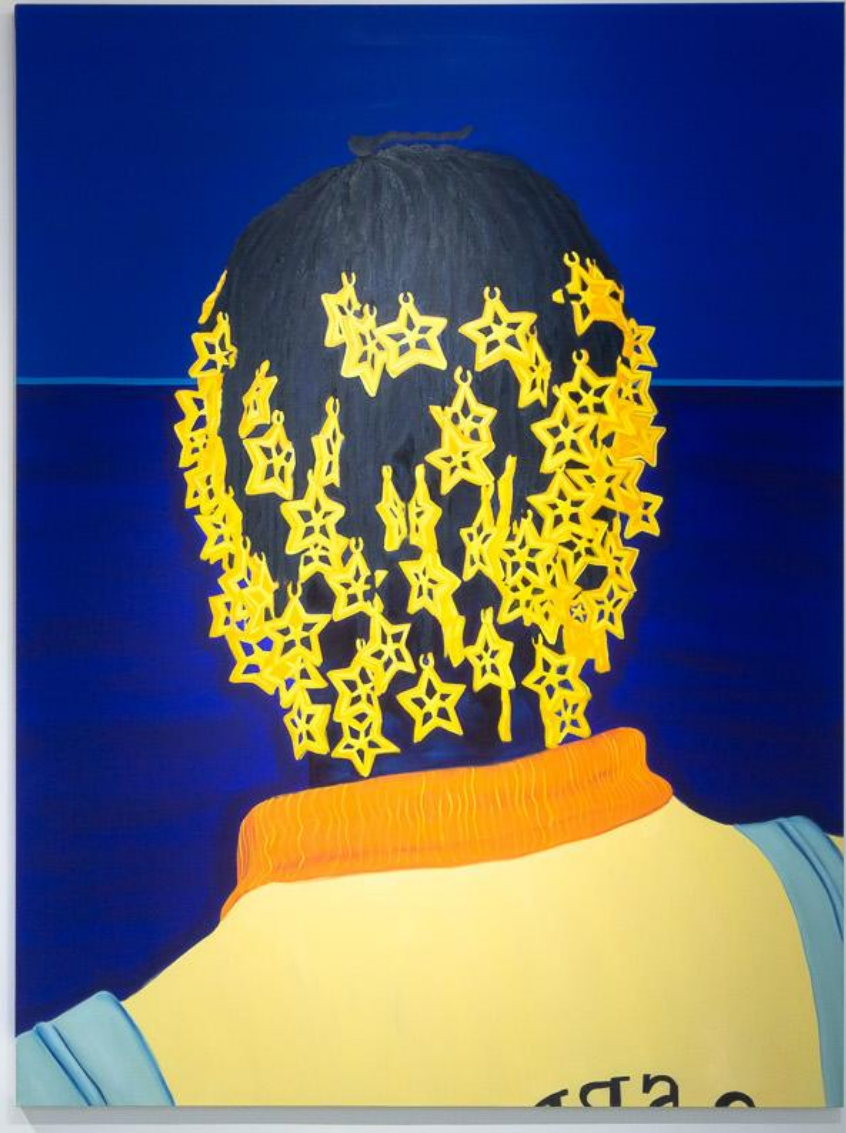
Kika Carvalho, a partir das questões levantadas, escolhe, então, jamais usar a cor preta, sempre preferindo acumular, *retintar*, juntar todas as cores. Todas a caminho do azul. Nas pinturas, a artista tende a concentrar na pele das personagens as áreas mais escuras, em tonalidades aproximadas ao breu da noite. Identificações alegóricas que, na sociedade racista, cabem às peles mais retintas. Mas, é preciso suplantar o estigma. Em *Sair da grande noite*, Achille Mbembe nos explica a necessidade de um “afropolitismo” destinado a superar a dívida em relação ao futuro, pois a afrodescendência nos lega um “passado glorioso”.





---

*Doze Novembros #1, 2022*  
Óleo e acrílica sobre tela  
200 x 150 cm



---

*Doze Novembros #2, 2022*  
Óleo e acrílica sobre tela  
200 x 150 cm







---

*Lado B*, 2022

Cianotipia sobre papel Canson 300g  
86 x 86 cm







Kika Carvalho faz, na pintura, o uso deliberado da contraluz, fato evidenciado ao partilharmos das fotos de pesquisa da artista. Os corpos se tornam, assim, cada vez mais empretecidos, ou, para criar um neologismo, “azularados”, em contraposição ao ensolarado presente nas cenas ao redor. Assim, o Atlântico negro de Paul Gilroy e o Atlântico vermelho de Rosana Paulino se encontram, enquanto Kika negocia um outro matiz, um Atlântico ultramar, onde a cor, agora, vaza do mar para os corpos. Mar e pele se identificam, se congregam em azuis. Cor, talvez, resultante e sobrevivente de muitas lágrimas. Lágrimas, como as que não paravam de brotar dos olhos da mãe do conto de Conceição Evaristo. Sua filha, ao encará-la, viu só lágrimas e lágrimas. E conclui: “a cor dos olhos de minha mãe era cor de olhos d’água”.

As personagens pintadas pela artista, de outro modo, mostram-se afirmativas, conscientes. Um fato a ser destacado, antes de tudo, é a beleza na gente retratada que se sabe assim, se porta assim. Meninas adolescentes trazem joias nos cabelos, utilizando-se de pingentes atuais, de plástico ou borracha, em formato de conchas e estrelas, finalizando suas tranças com cores vibrantes, amarelos, fúcsias. Kika Carvalho viu essa cena em Luanda, o que criava um lapso de tempo, pois parecia a antiga prática de enfeitar os cabelos com búzios, agora renovada em uma resposta contemporânea de auto-amor por quem poderia passar a vida preche de estigmatizações. Talvez, tal referência faça a artista se ver, negociando passado e futuro, orgulho e dor. Tudo, diante do mar que traz o trauma diaspórico das travessias do Atlântico, mas enceta um outro porvir.









---

*Sem título, 2022*  
Óleo sobre tela  
30 x 30 cm



---

*Sem título, 2022*  
Óleo sobre tela  
30 x 30 cm





---

*Sem título, 2022*

Óleo sobre tela

30 x 30 cm





---

*Sem título, 2022*  
Óleo sobre tela  
30 x 30 cm

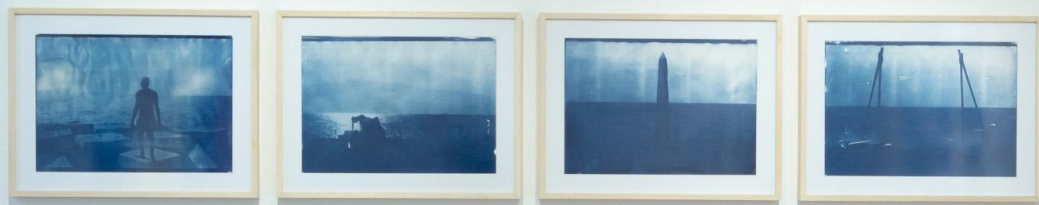


---

*Sem título, 2022*  
Óleo sobre tela  
30 x 30 cm







O azul usado por Kika Carvalho, por outro lado, está presente nos mantos das madonas, das nossas senhoras. Uma cor nobre que se torna mais rica ao pensarmos que no início de seu processo, Kika a retirava do material mais barato e popular, o pó xadrez. Curioso lembrar Mbembe ao questionar os mitos de origem e dizer: toda origem é uma pilha de coisas banais, neste caso, de cores banais. Mas, aqui, tratamos de um autoengendrar-se.





---

*Das promessas que a gente fez #1, 2022*  
Cianotipia sobre papel Hahnemühle 300g  
39.5 x 51.5 cm



---

*Das promessas que a gente fez #2, 2022*  
Cianotipia sobre papel Hahnemühle 300g  
39.5 x 51.5 cm



---

*Das promessas que a gente fez #3, 2022*

Cianotipia e colagem digital sobre papel Hahnemühle 300g

39.5 x 51.5 cm



---

*Das promessas que a gente fez #4, 2022*

Cianotipia e colagem digital sobre papel Hahnemühle 300g

39.5 x 51.5 cm





---

*Sem título, 2022*

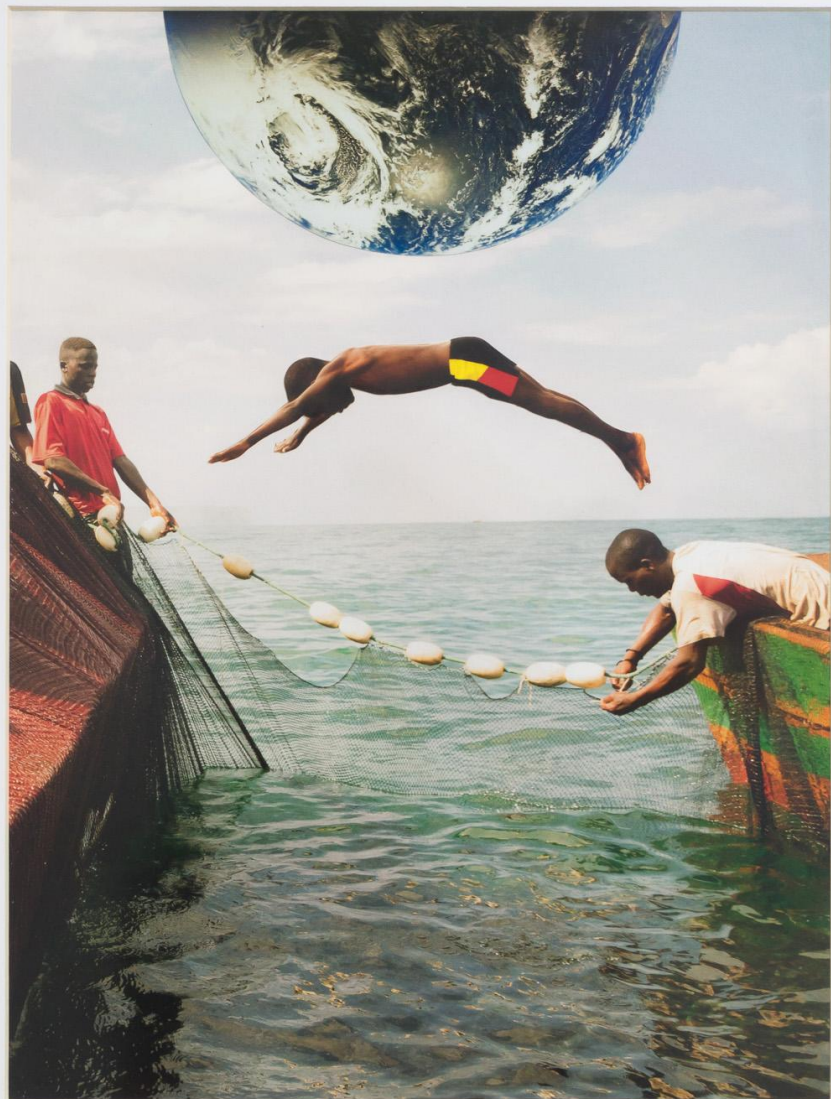
Cianotipia sobre papel Canson 300g

39.5 x 51.5 cm









---

Nº 6 (Série "Filhos d'água"), 2022  
Colagem analógica sobre papel Canson 300g  
37 x 47 cm





---

Nº 4 (Série "Filhos d'água"), 2022  
Colagem analógica sobre papel Canson 300g  
40.5 x 32.5 cm



---

Nº 5 (Série "Filhos d'água"), 2022  
Colagem analógica sobre papel Canson 300g  
40.5 x 32.5 cm

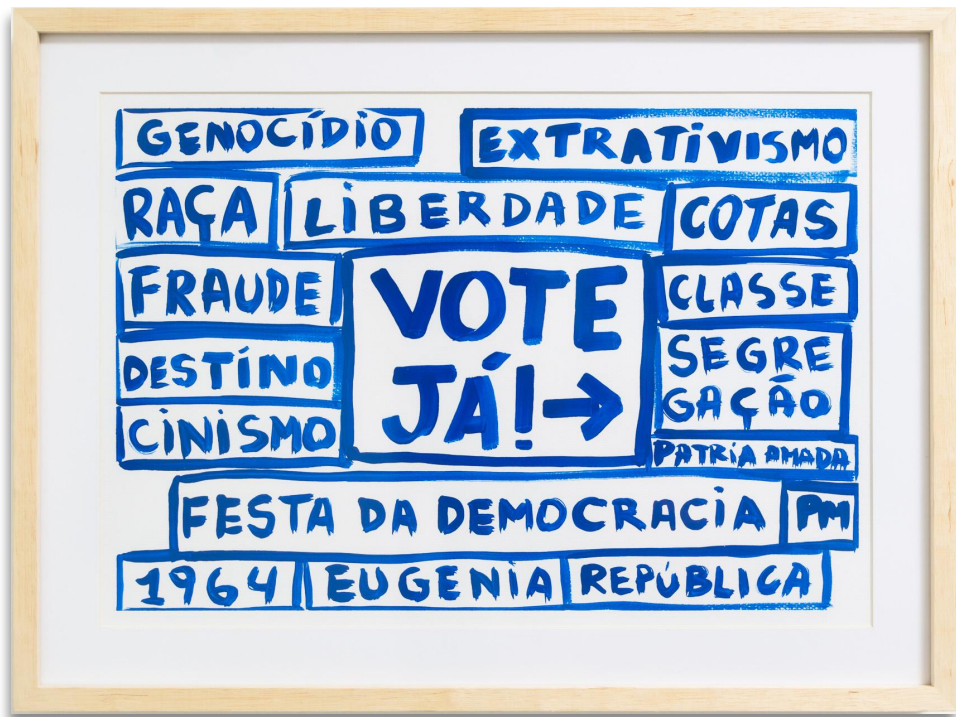


GENOCÍDIO | EXTRATIVISMO  
RAÇA | LIBERDADE | COTAS  
FRAUDE | VOTE JÁ! →  
DESTINO | CLASSE  
CINISMO | SEGRE  
SACRÃO  
FESTA DA DEMOCRACIA | PM  
1964 | EUGENIA | REPUBLICA

CORRUPÇÃO | IDEALIZAÇÃO | ELEIÇÃO  
SACRIFÍCIO | ESPERANÇA | LIBERTACÃO | PARAÍSO  
UMA SO NACÃO  
20 02 ANOS  
GUERRA  
INDEPENDÊNCIA | PETROLED  
PRÉ-COLONIAL FANTASIA







Construindo uma nação I, 2022  
Acrílico sobre papel Canson 300g  
40.5 x 32.5 cm



Construindo uma nação II, 2022  
Acrílico sobre papel Canson 300g  
40.5 x 32.5 cm







---

*Ela sabe*, 2022

Cianotipia sobre papel Hahnemühle 300g  
33.5 x 38 cm







---

*Tugas, go home! #1, 2022*

Acrílica sobre papel Hahnemühle 300g

44.5 x 34.5 cm



---

*Tugas, go home! #2, 2022*

Acrílica sobre papel Hahnemühle 300g

44.5 x 34.5 cm















---

*Sem título, 2022*

Óleo sobre tela

153 x 310 cm









---

Nº 3 (Série "Filhos d'água"), 2022

Óleo sobre tela

120 x 120 cm











---

Nº 2 - Origem da vida  
(Série "Filhos d'água"), 2022  
Óleo sobre tela  
120 x 120 cm











---

*Sem título*, 2022  
Óleo sobre tela  
70 x 50 cm



---

*Sem título*, 2022  
Óleo sobre tela  
100 x 80 cm









No conjunto de pinturas apresentado nesta exposição, o retrato de um pescador salta aos nossos olhos. Ali, ele nos encara e em seu olhar vemos o que poderia se associar à fadiga, mas que, ao mesmo tempo, nos torna cúmplices de seus pensamentos. Os olhos, então, vão, aos poucos, revelando-se ternos e confidentes. Abrem-se como as guelras de um peixe. Todo ele só cabeça, *ori*, tal qual a origem da vida na tradição nagô-lorubá. No princípio do mundo, surge *ejá*, uma cabeça que atravessa as águas, *ejá*, nome traduzido como peixe, mas que, de fato, é só uma cabeça, abrindo o caminho por sob as águas. E ele, o homem-cabeça de Kika Carvalho, com olhos de guelra, nos encara para que possamos, além de toda consciência traumática, cumprir nosso propósito, emergir do mar profundo, azul ultramar, e seguir adiante.

### **Marcelo Campos**

*Professor Associado do Departamento de Teoria e História da Arte do Instituto de Artes da UERJ e dos Programas de Pós-graduação em Artes (PPGArtes) e em História da Arte (PPGHA).*

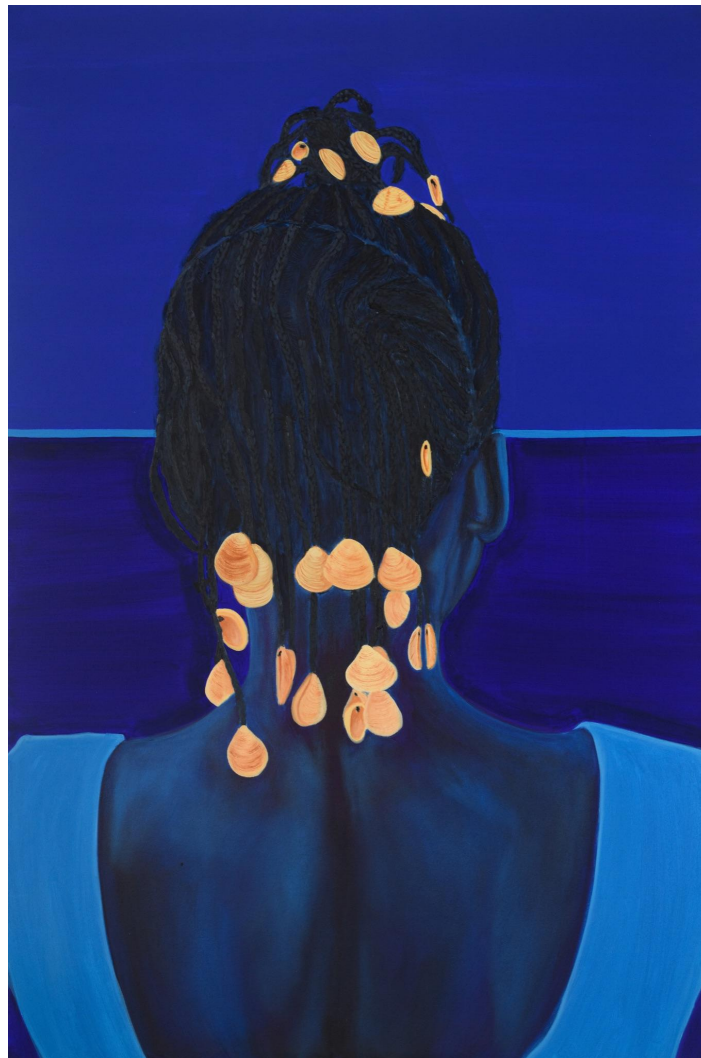
*Curador-chefe do Museu de Arte do Rio.*





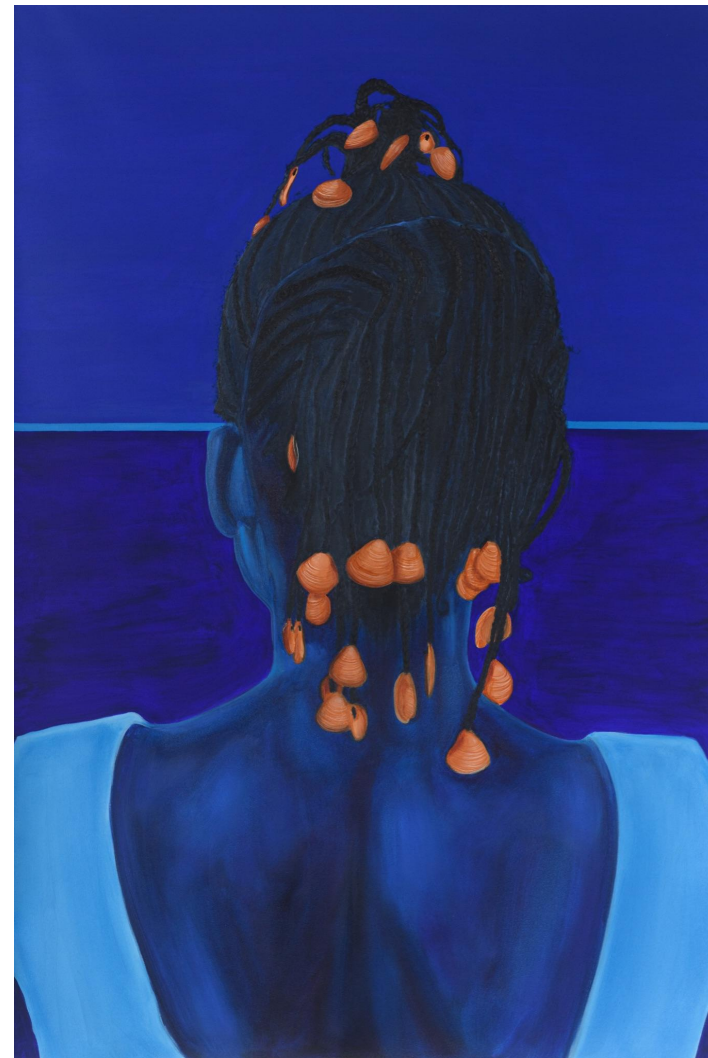


No contexto de sua primeira individual na Portas Vilaseca Galeria, Kika Carvalho também participa da exposição "Um defeito de cor", coletiva que entra em cartaz no Museu de Arte do Rio (MAR) em 10 de setembro. A mostra é baseada nos contextos sociais, culturais, econômicos e políticos do século XIX, abordados no livro de mesmo nome da escritora mineira Ana Maria Gonçalves. Ao todo são 400 obras de arte entre desenhos, pinturas, vídeos, esculturas e instalações de mais de 100 artistas, em sua maioria negros e negras, principalmente mulheres. Kika Carvalho produziu o díptico ao lado especialmente para a exposição, que segue até 2023.



---

*Emi fé é #1*, 2022  
Óleo e acrílica sobre tela  
150 x 100 cm



---

*Emi fé é #2*, 2022  
Óleo e acrílica sobre tela  
150 x 100 cm



## KIKA CARVALHO

1992 - Vitória, ES, Brasil

Vive e trabalha em Vitória, ES, Brasil

Graduada em Artes Visuais - Licenciatura - pela Universidade Federal do Espírito Santo - UFES. Desde 2016, a sua prática artística se materializa em diferentes suportes, técnicas e escalas, com uma pesquisa atenta em torno da cor azul, que pode estar relacionada tanto com as paisagens da cidade-ilha onde mora, como com aspectos da história da pintura.

A geografia insular da cidade de Vitória orienta de alguma forma a sua produção, que é atravessada por questões ultramarinas de presença e ausência, tão caras à diáspora Atlântica. Sua produção também é entrecruzada por algumas experiências, como a prática de pintura urbana e a arte educação; além da participação em programas de residências artísticas, como: Malungas (2018), com Rosana Paulino; VILA SUL - Goethe Institut (2020); Outra Margem (2021) e Angola AIR - Espaço Luanda Arte (2022).

Recentemente, a artista tem participado de importantes exposições coletivas, dentre as quais destacamos: "Um defeito de cor", no Museu de Arte do Rio - MAR, Rio de Janeiro, RJ (2022-2023), para a qual desenvolveu dois trabalhos comissionados; "Crônicas Cariocas", Museu de Arte do Rio - MAR, Rio de Janeiro, RJ (2021-2022); "Enciclopédia Negra", Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, SP (2021); "Atenção Para o Refrão", Instituto Goethe, Salvador, BA (2020) e "Foram os Homens e as Mulheres Negras que Construíram a Identidade Nacional – Vidas Negras do Brasil", Museu Afro Brasil, São Paulo, SP (2020).

Suas obras já fazem parte de importantes coleções institucionais no Brasil, como a Pinacoteca do Estado de São Paulo, o Museu de Arte do Rio (MAR) e o Mucane - Museu Capixaba do Negro. Em 2021, a artista foi indicada ao Prêmio Pipa.

## EXPOSIÇÕES COLETIVAS MAIS RECENTES

- *Um Defeito de Cor*. Curadoria: Marcelo Campos, Amanda Bonan e Ana Maria Gonçalves. MAR - Museu de Arte do Rio, Rio de Janeiro, RJ, Brasil (2022-2023);
- *Crônicas Cariocas*. Curadoria: Marcelo Campos, Amanda Bonan, Conceição Evaristo e Luiz Antonio Simas. MAR - Museu de Arte do Rio, Rio de Janeiro, RJ, Brasil (2021-2022);
- *Just Breathe...* Curadoria: Felipe Hegg. The 55 Project Pop Up, Miami, EUA (2021);
- *Arqueólogas do Afeto*. Curadoria: Renata Felinto. Galeria Bruno Murias, Lisboa, Portugal (2021);
- *Outros Ensaios Para o Tempo - Gallery Week*. Curadoria: Deri Andrade. Galeria Nara Roesler, São Paulo, SP, Brasil (2021);
- *Enciclopédia Negra*. Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil (2021);
- *Atenção Para o Refrão*. Instituto Goethe, Salvador, BA, Brasil (2020);
- *Foram os Homens e as Mulheres Negras que Construíram a Identidade Nacional - Vidas Negras do Brasil*. Museu Afro Brasil, São Paulo, SP, Brasil (2020);
- *The Showcase*. Galeria Pivô, São Paulo, SP, Brasil (2019);
- *Gira*. Museu Capixaba do Negro, Vitória, ES, Brasil (2019).



© 2022 Portas Vilaseca Galeria

**Jaime Portas Vilaseca**

*Fundador e Diretor*

jaime@portasvilaseca.com.br

**Frederico Pellachin**

*Diretor de Comunicação e Relações Institucionais*

fredericopellachin@portasvilaseca.com.br

**Manuela Parrino**

*Diretora de Projetos Internacionais e Feiras*

manuela@portasvilaseca.com.br

**Clara Reis**

*Diretora de Vendas*

clarareis@portasvilaseca.com.br

**Ana Bia Silva**

*Assistente de Produção*

anabiasilva@portasvilaseca.com.br

**DAS PROMESSAS QUE A GENTE FEZ**

Kika Carvalho

**Texto crítico** Marcelo Campos

**Tradução** Julia Debasse

**Fotos** Pedro Victor Brandão

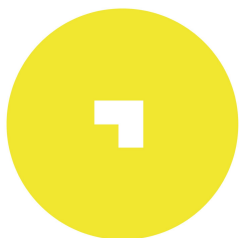
**Vídeo** Marcos Salomonde

**Montagem** Los Montadores

**Projeto de Iluminação** Antonio Mendel

**Design gráfico** Bia Machado | Frederico Pellachin





PORTAS  
VILASECA  
G A L E R I A

Website: [www.portasvilaseca.com.br](http://www.portasvilaseca.com.br)  
Facebook: [www.facebook.com/portasvilaseca](http://www.facebook.com/portasvilaseca)  
Instagram: @portasvilaseca  
Twitter: @portasvilaseca  
Artsy: [www.artsy.net/portas-vilaseca-galeria](http://www.artsy.net/portas-vilaseca-galeria)

+55 21 2274 5965  
[www.portasvilaseca.com.br](http://www.portasvilaseca.com.br)  
[galeria@portasvilaseca.com.br](mailto:galeria@portasvilaseca.com.br)

Rua Dona Mariana, 137 casa 2  
Botafogo 22280-020  
Rio de Janeiro RJ Brasil

